

A BIBLIA DAS BRUXAS

(autores: Janet e Stewart Farrar)

1- Iniciação do Primeiro Grau

Formalmente a iniciação de primeiro grau torna-a uma bruxa(o) comum. Mas é claro que é um pouco mais complicado que isso.

Como todos os bruxos experientes, existem algumas pessoas que são bruxas (ou bruxos) de nascimento muitas vezes podem tê-lo sido desde uma encarnação passada. Uma boa Sumo-Sacerdotisa ou Sumo-Sacerdote costuma detectá-las. Iniciar um destes bruxos não é "fazer uma bruxa"; é muito mais um gesto bidirecional de identificação e reconhecimento e claro, um Ritual de boas-vindas de uma mais-valia de peso ao Coventículo.

No outro extremo, existem os que são mais lentos ou menos aptos muitas vezes boas pessoas, sinceras e trabalhadoras que o iniciador sabe que têm um longo caminho a percorrer, e provavelmente muitos obstáculos e condições adversas a ultrapassar, antes de se poderem chamar verdadeiros bruxos. Mas mesmo para estes, a Iniciação não é um mero formalismo, se o iniciador conhecer a sua Arte. Pode dar-lhes uma sensação de integração, um sentimento que um importante marco foi ultrapassado; e apenas por lhes atribuir a qualidade de candidato, (apesar de não parecer terem qualquer dom), o direito de se auto-denominarem bruxos, encoraja-os a trabalhar arduamente para merecerem esta qualidade. E alguns menos aptos podem tomá-lo de surpresa com uma aceleração súbita no seu desenvolvimento após a iniciação; então saberão que a iniciação resultou.

No meio, encontra-se a maioria; os candidatos de potencial médio e forte capacidade de evolução que, se apercebem de uma forma mais ou menos clara que a Wicca é o caminho que têm procurado e porquê, mas que ainda estão no início da exploração das suas capacidades. Para estes, uma Iniciação bem conduzida pode ser uma experiência poderosa e incentivante, um genuíno salto dialéctico no seu desenvolvimento psíquico e emocional. Um bom iniciador tudo fará para que isso aconteça.

Na verdade, o iniciador não está sozinho na sua tarefa (e não nos estamos apenas a referir ao apoio de algum companheiro ou dos outros membros do Coventículo). Uma Iniciação é um Ritual Mágico, que evoca poderes e deve ser conduzido com a confiança plena que esses poderes invocados se irão manifestar.

Toda a iniciação, em qualquer religião genuína, é uma morte e renascimento simbólicos, suportados de forma consciente. No Ritual Wicca este processo é simbolizado pela venda e amarração, o desafio, a provação aceite, a remoção final da venda e das amarras é a consagração de uma nova vida. O iniciador deve manter este objectivo claro na sua mente e concentrar-se nele, e o Ritual em si deve provocar a mesma sensação na mente do candidato.

Em séculos mais remotos a imagem de morte e ressurreição era sem dúvida ainda mais notória e explícita e provavelmente desenrolava-se ainda com muito menos palavras. A famosa bruxa de Sheffield, Patricia Crowther, refere até que ponto ela teve esta experiência durante a sua Iniciação por Gerald Gardner. O Ritual era Gardneriano normal, basicamente da mesma forma que o descrevemos nesta secção, mas antes do Juramento, Gardner

ajoelhou-se ao seu lado e meditou durante um bocado. Patricia enquanto esperava entrou subitamente em transe (que veio a descobrir mais tarde ter durado 40 minutos) ao que parece recordou uma reencarnação passada. Ela viu-se a ser transportada por um grupo de mulheres nuas numa procissão de archotes que se dirigia para uma caverna. Elas saíram, deixando-a aterrorizada no meio da escuridão absoluta. Gradualmente conquistou o seu medo, acalmou e no devido tempo as mulheres voltaram. Ficaram em linha com as pernas abertas e ordenaram-lhe que passasse, amarrada como estava, através de um túnel de pernas que se assemelhavam a uma vagina, enquanto que as mulheres uivavam e gritavam como se tivessem a ter um filho. Enquanto ela passava, foi puxada pelos pés e as amarras foram cortadas. A líder encarando-a "ofereceu-me os seus seios, simbolizando que me iria proteger como ela o faria aos seus próprios filhos. O corte das amarras simbolizava o corte do cordão umbilical". Ela teve que beijar os seios que lhe foram oferecidos, tendo sido depois salpicada com água ao mesmo tempo que lhe diziam que tinha renascido no sacerdócio dos Mistérios da Lua.

Gardner comentou, quando ela voltou à consciência: "durante muito tempo eu tive a idéia que se costumava fazer algo como aquilo que tinhas descrito e agora sei que não estava longe da verdade. Deve ter acontecido há séculos atrás, muito antes dos rituais verbais terem sido adaptados pela Arte."

A morte e o renascimento com todos os seus terrores e promessas, dificilmente poderia ser muito dramatizado; e temos a sensação que a recordação de Patricia era genuína. Ela obviamente é uma bruxa nata de há muito tempo atrás.

Mas vamos retornar ao Ritual Gardneriano. Para este efeito não tínhamos apenas três textos mas quatro; somados aos textos A, B e C (ver pág. 3?) existe a obra de Gardner denominada High Magic's Aid. Esta obra foi publicada em 1941, antes da cessação da lei Witchcraft Acts na Inglaterra e, antes dos seus livros Witchcraft Today (1954) e The Meaning of Witchcraft (1959). Neste, Gardner revelou pela primeira vez em ficção algum do material que tinha aprendido com o seu Coentículo. No Capítulo XVII a bruxa Morven faz o herói Jan atravessar a sua iniciação do 1º Grau e o Ritual é descrito em detalhe. Pensamos que essa descrição foi muito útil para a clarificação de um ou dois pontos obscuros, por exemplo, a ordem de "os pés nem estarem amarrados nem livres", que conhecíamos da nossa própria Iniciação Alexandrina, mas suspeitávamos estar deslocada. (5).

O Ritual de 1º Grau, provavelmente foi alterado pelo menos à data em que o Livro das Sombras, atingiu a fase do texto C. Isto acontece porque de entre o material incompleto na posse do Coentículo de New Forest teria sido naturalmente a parte que sobreviveu mais completa na sua forma original. Gerald Gardner não teria necessidade de preencher as falhas com material Crowleiano ou outro material não wiccano e desta forma Doreen Valiente não teve que sugerir o tipo de transcrição que era necessário "por exemplo para o da energia exortação".

Na prática wiccana, um homem é sempre iniciado por uma mulher e uma mulher por um homem. E apenas uma bruxa de 2º ou 3º Grau pode conduzir uma Iniciação. Existe uma exceção especial a cada destas regras.

A primeira exceção, uma mulher pode iniciar a sua filha ou um homem o seu filho, "porque são parte deles". Alex Sanders ensinou-nos que isto poderia ser feito numa emergência, mas o Livro das Sombras de Gardner não apresenta esta restrição.

A outra exceção, refere-se a única situação em que uma bruxa(o) de 1º Grau (e uma totalmente nova), pode iniciar outra. A Wicca põe grande ênfase na parceria de trabalho homem/mulher e muitos Coentículos ficam deliciados quando um casal avança para a Iniciação juntos. Um método muito agradável de levar a cabo uma dupla Iniciação como esta, é exemplificado pelo caso de Patrícia e Arnold Crowther (que na altura ainda eram casados) por Gerald Gardner.

Gardner, começou por Iniciar Patrícia enquanto Arnold esperava fora do quarto, então ele pôs o Livro das Sombras nas mãos dela incitando-a enquanto ela própria iniciava Arnold. "Esta é a forma que sempre foi feita", disse-lhe Gardner mas temos que admitir que esta forma era desconhecida para nós até lermos o livro de Patrícia.

Gostamos desta fórmula; cria uma ligação especial, no sentido wiccano da palavra, entre os dois Iniciados desde o princípio no trabalho do Coentículo. Doreen Valiente confirmou-nos que esta era a prática freqüente de Gardner, e acrescenta: "De outra forma, no entanto, mantínhamos a regra que apenas um bruxo de 2º ou 3º Grau poderia fazer uma Iniciação".

Gostávamos de mencionar aqui duas diferenças "para além dos pequenos pontos que se notam no texto", entre o Ritual de Iniciação Alexandrino e o Gardneriano, este último temos tomado como modelo. Não mencionamos estas diferenças com algum espírito sectário todos os Coentículos vão e devem fazer o que sentem melhor para eles mas apenas para registrar qual é qual e expressar as nossas próprias preferências, aquelas que nos servem de modelo.

Primeiro, o método de trazer o Postulante para o Círculo. Na tradição Gardneriana ele é empurrado para o Círculo, por trás; depois da declaração do Iniciador, "Eu dou-te uma terceira para passares através desta Porta do Mistério", ele apenas acrescenta de forma misteriosa "dá-lhe".

O livro *High Magic's Aid* é mais específico: "Abraçando-o por trás com o seu braço esquerdo à volta da cintura e põe o braço direito dele à volta do seu pescoço e vira-se para ela e diz: "Eu dou-te a terceira senha; "Um beijo". Ao dizer isso, ela empurra-o com o seu corpo através da porta para dentro do Círculo. Uma vez lá dentro ela liberta-o, segredando: "Esta é a forma que todos são trazidos pela primeira vez para o Círculo" (*High Magic's Aid*, pág. 292).

É claro que, o pacto de pôr o braço direito do Iniciador à volta do pescoço não é possível se os pulsos destes estiverem amarrados; e rodar a sua cabeça com a sua mão para o beijar sobre o ombro, é quase impossível se ele for muito mais alto que ela. Esta é a razão por que sugerimos que ela o beije antes de passar por detrás dele. É o pacto de empurrar por trás que é a tradição essencial; por certo que o Coentículo de Gardner sempre o fez.

"Penso que a intenção original era ser uma espécie de teste", diz-nos Patrícia, "porque alguém podia perguntar, como no *High Magic's Aid*, quem te trouxe para um Círculo?" a resposta era "Eles trouxeram-me por trás".

A prática Alexandrina era segurar os ombros do iniciado à sua frente, beijá-lo e então puxá-lo para dentro do Círculo, rodando-o em sentido dócil. Esta foi a forma como fomos os dois Iniciados e não nos sentimos pior por isso.

Mas não vemos nenhuma razão, agora, para partir da tradição original especialmente porque ela tem um interesse histórico inerente; por isso, viramo-nos para o método Gardneriano.

Quando Stewart visitou o Museu das Bruxas na Ilha de Man em 1972 (à data aos cuidados de Monique Wilson, a quem Gardner deixou a sua coleção insubstituível que ela mais tarde de forma imperdoável vendeu à América), Monique disse-lhe que como não tinha sido empurrado por trás para dentro do Círculo na sua Iniciação, "nenhuma verdadeira bruxa se associaria a ele". Então ela ofereceu-se para o iniciar "da forma devida". O Stewart agradeceu-lhe educadamente mas declinou o convite. As precauções e os formalismos poderiam ter um fundamento válido nos tempos das perseguições; insistir no assunto agora é mero sectarismo.

O segundo maior afastamento Alexandrino da Tradição reside no pacto de tirar as medidas. Os Coentículos Gardnerianos retêm a medida; os Alexandrinos da Tradição devolvem-nas ao Postulante.

No Ritual Alexandrino, a medida é tirada com um fio vermelho de linho, não composto, apenas da coroa aos calcanhares, omitindo as medidas da cabeça, peito e ancas. O Iniciador diz: "Agora vamos tirar-te as medidas e medimos-te da coroa da tua cabeça até às solas dos teus pés. Nos tempos antigos, quando ao tirarem a tua medida também retiravam amostras do cabelo e unhas do teu corpo. O Coentículo guardaria então a medida e as amostras e se tentasses sair do Coentículo trabalhariam com eles para te trazer de volta e nunca mais de lá sairias. Mas como vieste para o nosso Círculo com duas expressões perfeitas, Amor Perfeito e Confiança Perfeita, devolvemos-te a medida, e ordenamos-te que a uses no teu braço esquerdo".

A medida é atada à volta do braço esquerdo do Postulante até ao fim do Ritual, depois do qual, poderá fazer aquilo que entender com ela. A maior parte dos Iniciados destroem-nos, outros guardam-nos como recordação, outros põe-nos em medalhões e dão-nos de presentes aos seus companheiros de trabalho.

O simbolismo do "Amor e Confiança" no costume Alexandrino é claro, e alguns Coentículos podem preferi-lo. Mas sentimos que há ainda mais a dizer acerca do Coentículo guardar a medida, não como chantagem, mas como uma lembrança simbólica da nova responsabilidade do Iniciado perante o Coentículo. De outra forma não parece fazer sentido algum tirá-la.

Doreen diz-nos: "A idéia de devolver a medida é, na minha opinião, uma inovação de Sanders. Na tradição de Gerald, era sempre retida pelo Iniciador. Nunca, no entanto, existia alguma intenção que a medida fosse utilizada na forma chantagista descrita no Ritual Alexandrino. Ao invés, se alguém quisesse sair do Coentículo, eram livres de o fazer, desde que respeitassem da confiança dos outros membros e mantivessem os Segredos. Afinal de contas, qual é a lógica de manter alguém no Coentículo contra a sua vontade? As suas más vibrações só estragariam tudo. Mas nos tempos antigos a medida era usada contra qualquer pessoa que deliberada e maliciosamente traísse os Segredos. Gerald disse-

me que "a medida era então enterrada num local lamacento, com a maldição de que apodrecesse, assim como o traidor". Lembrem-se, traição naqueles tempos era uma questão de vida ou de morte literalmente!"

Sublinhamos de novo perspectivas das diferenças em detalhe, podem ser fortemente mantidas, mas no final é a decisão do Coventículo que interessa quanto a uma forma particular, ou até em encontrar uma forma própria. A validade de uma Iniciação não depende nunca dos pormenores. Depende apenas, da sinceridade e efetividade psíquica, espiritual do Coventículo, e da sinceridade e potencial psíquico do Iniciado. É como diz a Deusa na Exortação: "E aquele que pensa em procurar-me, saiba que procurar apenas e ter compaixão não o ajudará, a menos que conheça o Segredo: que aquilo que não procure e não encontre dentro dele, então nunca o encontrará sem ele. Para verem, eu tenho estado contigo desde o Início; E Eu sou aquilo que se alcança no fim do desejo".

Dar importância demasiado aos pormenores tem sido, infelizmente, a doença de muitas doutrinas cristãs, incluindo aquelas que tinham as suas origens na beleza; os bruxos não devem cair na mesma armadilha. Somos tentados a dizer que as doutrinas deviam ser escritas por poetas e não por teólogos.

Uma palavra para os nomes Cernunnos e Aradia, os nomes de Deuses usados no Livro das Sombras de Gardner. Aradia, foi adaptada dos bruxos da Toscana (ver o livro de Charles G. Leland, Aradia, O Evangelho do Bruxos); sobre as suas possíveis ligações celtas, ver o nosso livro Oito Sabbats para Bruxas, p. 84. Cernunnos (ou como lhe chama Jean Markale no seu Mulheres Celtas, Cerunnos) é o nome dado pelos arqueólogos ao Deus Cornudo celta, porque não obstante terem sido encontradas muitas representações deste, em todo o lado desde o Caldeirão Gundestrop até ao monte Tara (ver fotografia 10), apenas uma destas tem um nome inscrito um baixo relevo encontrado em 1710 na Igreja de Notre Dame em Paris, que se encontra agora no Museu de Cluny na mesma cidade. O sufixo "os" sugere ter sido uma helenização de um nome celta; os druidas são conhecidos por serem familiares com o grego e terem usado este alfabeto para as suas transacções em assuntos vulgares, apesar neste caso as letras actuais serem romanas. Note-se também que o grego para "corno" é (Keras). Doreen Valiente sugere (e concordamos com ela) era na verdade Herne (como em Herne o Caçador, do Windsor Great Park). "Alguma vez ouviram o choro de um Veado (Fallow deer) no cio?" pergunta ela. "Ouvirão sempre durante o cio outonal do Veado na New Forest, e soa exactamente como "HERR-NN... Herr-rr-nn..." repetido vezes sem conta. É um som emocionante e nunca o esqueceremos. Agora, das pinturas rupestres em grutas e estátuas que encontramos dele, Cernunnos era eminentemente um Deus-Veado. Então como é que os mortais o denominaram melhor? Certamente pelo som que da forma mais intensa lembra um dos grandes Veados da Floresta".

Para cada um deles podemos acrescentar que o intercâmbio dos sons "h" e "k" é sugerido pelos nomes de lugares como Abbas em Donset, local do famoso Gigante de Hillside. Existe um número razoável de lugares denominados Herne Hill em Inglaterra, bem como duas Herne Villages, uma Herne Bay, uma Herne Drove, uma Hernebridge, uma Herne Armour, uma Herne Pound, e por aí fora. Herne Hill é algumas vezes explicado como significando "Monte da Garça" mas, como Doreen explica, as garças procriam junto aos rios e lagos e não em montes; "parece mais provável para mim que Herne Hill era sagrado para o Velho Deus".

No Livro Alexandrino das Sombras, o nome é "Karnayna" mas esta forma não surge em mais nenhum local, que quer eu quer a Doreen tenhamos visto. Ela pensa que "é provavelmente não concerteza uma confusão auditiva com Cernunnos. O nome actual pode ter sido omitido no livro de onde Alex copiou, e ele teve que se apoiar numa recordação verbal de alguém". (conhecendo o Alex, diríamos "quase de certeza"!)

No texto que se segue, o Iniciador pode ser a Sumo-Sacerdotisa ou o Sumo-Sacerdote, dependendo se o Iniciado for homem ou mulher; assim, referimo-nos ao Iniciador como "ela" por uma questão de simplicidade, e ao "Postulante" (mais tarde "Iniciado") como "ele" apesar de poder ser ao contrário, obviamente. O companheiro de trabalho do Iniciador, quer seja Sumo-Sacerdotisa ou o Sumo-Sacerdote, tem certamente também deveres a desempenhar, e é referido como o "Companheiro".

A Preparação

Tudo é preparado como para um Círculo normal, com os itens adicionais seguintes também preparados:

- Uma venda;
- Uma distância de fio ou corda fina (pelo menos 2,50m);
- Óleo de unção;
- Um pequeno sino de mão;
- Três comprimentos de corda vermelha: uma com 2,75m e duas com 1,45m.

Também é usual, mas não essencial, que o Postulante traga o seu próprio novo Athame, e corda vermelha, branca e azul para serem consagradas imediatamente após a sua Iniciação(1). Devem dizer-lhe, logo que saiba que vai ser Iniciado, que tem de adquirir qualquer faca de cabo preto com que se identifique. A maior parte das pessoas compra um punhal com bainha vulgar (a bainha é útil, para transportá-lo de e para o local de encontro) e pintam o cabo de preto (se já não for, claro). Pode não haver tempo para ele gravar os Símbolos tradicionais no cabo (ver Secção XXIV) antes de ser consagrado; isto pode ser feito mais tarde nos tempos livres. Alguns bruxos nunca chegam a inscrever quaisquer Símbolos, preferindo a Tradição alternativa, que diz que os instrumentos de trabalho não devem ser identificáveis como tal para algum estranho(2); ou porque o padrão do cabo do punhal escolhido não permite gravações. (O Athame do Stewart, agora com 12 anos, tem os Símbolos inscritos; o de Janet, com a mesma idade mas com um cabo com padrão, não tem; e temos outro Athame feito à mão por um artesão amigo que tem um cabo de pé de Veado que obviamente não dá para gravar). Sugerimos que as lâminas dos Athames sejam cegas, uma vez que nunca são usadas para cortar seja o que for mas são usadas para gestos rituais no que pode ser um Círculo apertado e populoso:

As três cordas que o iniciado tem que trazer devem ter 2,75m de comprimento cada. Gostamos de evitar que as pontas das cordas se desfaçam usando fita ou atando-as com fio da mesma cor. No entanto, Doreen diz: "Atamos nós às pontas para evitar que se soltem e a medida essencial calcula-se de nó em nó."

Também se lhe deve dizer para levar a sua própria garrafa de vinho tinto até para lhe dar a entender logo de princípio que as despesas de comida e bebida para o Coventículo, quer seja vinho para o Círculo ou alguma comida para antes ou depois do Círculo, não devem cair inteiramente para a Sumo-Sacerdotisa ou o Sumo-Sacerdote!

Quanto aos itens adicionais listados em cima qualquer lenço servirá para utilizar como venda, mas deve ser opaco. E a escolha do óleo de unção cabe à Sumo-Sacerdotisa; o Coentículo de Gardner usava sempre Azeite virgem. O costume Alexandrino diz que o óleo deveria incluir um toque do suor da Sumo-Sacerdotisa e do Sumo-Sacerdote.

O Ritual

Antes do Círculo ser fechado, o Postulante é posto fora do Círculo a Nordeste, vendado e amarrado, por bruxos do sexo oposto. O pacto de atar é feito com as três cordas vermelhas(3) - uma com 2,75m e as outras duas com 1,45m. A corda maior é dobrada ao meio para os pulsos serem amarrados juntos atrás das costas e as duas pontas são trazidas para a frente por cima dos ombros e atadas em frente ao pescoço, com as pontas caídas a formar uma pega por onde o Postulante pode ser dirigido(4). Uma corda pequena é atada no tornozelo direito e a outra por cima do joelho esquerdo cada uma com as pontas bem escondidas para que o não magoem. Enquanto se estiver a corda no tornozelo, o Iniciador diz:

"Pés nem presos nem livres."(5)

O Círculo está agora aberto, e o Ritual de Abertura procede como normalmente, exceptuando o "Portão" a Nordeste que não está ainda fechado e o exortação não ter sido dita. Depois do Atrair a Lua(6), o Iniciador dá a Cruz Cabalística(7), como se segue: "Ateh" (tocando na testa), "Malkuth" (tocando no peito), "ve-Geburah" (tocando no ombro direito), "ve-Gedulah" (tocando o ombro esquerdo), "le-olam" (apertando as mãos à altura do peito).

Depois das Runas das Feiticeiras, o Iniciador vai buscar a Espada (ou Athame) ao Altar. Ela e o Companheiro encaram o Postulante.

Então eles declamam o exortação (ver apêndice B, pp. 297-8).

O Iniciador então diz:

"Ó tu que estás na fronteira entre o agradável mundo dos homens e os Domínios Misteriosos do Senhor dos Espaços, tens tu a coragem de fazer o teste?"

O Iniciador coloca a ponta da Espada (ou Athame) contra o coração do Postulante e continua:

"Porque digo verdadeiramente, é melhor que avances na minha lâmina e pereças, que tentes com medo no teu coração."

O Postulante responde:

"Tenho duas Senhas. Perfeito Amor e Perfeita Confiança"(8).

O Iniciador diz:

"Todos os que assim estão são duplamente bem-vindos. Eu dou-te uma terceira para passares através desta misteriosa Porta".

O Iniciador entrega a Espada (ou Athame) ao seu Companheiro, beija o Postulante e passa para trás dele. Abraçando-o por detrás, empurra-o para a frente, com o seu próprio corpo, para dentro do Círculo. O seu Companheiro fecha ritualmente a "porta" com a Espada (ou Athame), que depois recoloca no Altar.

O Iniciador leva o Postulante aos pontos cardeais em volta e diz:

"Tomai nota, ó Senhores do Este[Sul/Oeste/Norte] que_____está devidamente preparado(a) para ser iniciado(a) Sacerdote (Sacerdotisa) e Bruxo(a)"(9).

Então o Iniciador guia o Postulante para o centro do Círculo. Ele e o Coentículo circulam à sua volta em sentido deosil, cantando:

"Eko,	Eko,	Azarak,
Eko,	Eko,	Zomelak,
Eko,	Eko,	Cernunnos(10),
Eko, Eko, Aradia(10)"		

Repetido sempre, enquanto empurram o Postulante para a frente e para trás entre eles, virando-o às vezes um pouco para o desorientar, até o Iniciador o mandar parar com um "Alto!". O Companheiro toca o sino três vezes, enquanto o Iniciador vira o Postulante (que ainda está no centro) para o Altar.

O Iniciador então diz:

"Noutras religiões o Postulante ajoelha-se enquanto o Sacerdote o olha de cima. Mas na Arte Mágica somos ensinados a ser humildes, e ajoelhamo-nos para dar as boas-vindas e dizemos..."

O Iniciador ajoelha-se e dá o "Beijo Quíntuplo" ao Postulante, como se segue:

"Abençoados sejam os teus pés, que te trouxeram para estes caminhos" (beijando o pé direito e depois o esquerdo).

"Abençoados sejam os teus joelhos, que devem ajoelhar perante o Altar Sagrado" (beijando o joelho direito e depois o esquerdo).

"Abençoados sejam o teu falo (ventre) sem o qual não existiríamos" (beijando acima do pêlo púbico).

"Abençoado seja o teu peito, formado na força [seios, formados na beleza]" (11) (beijando o seio direito e depois o esquerdo).

"Abençoados sejam os teus lábios, que irão proferir os Nomes Sagrados" (abraçando-o e beijando-o nos lábios).

O Companheiro passa o comprimento de fio ao Iniciador, que diz:

"Agora vamos tirar a tua medida."

O Iniciador, com ajuda de outro bruxo do mesmo sexo, estica o fio do chão aos pés do Postulante até ao alto da sua cabeça, e corta esta medida com a faca de cabo branco (que o seu Companheiro lhe traz). O Iniciador então mede-o uma vez à volta da cabeça e ata um nó para marcar a medida; outra (da mesma ponta) à volta do peito e ata outro nó a marcar; outra à volta das ancas atravessando os genitais e dá um nó.

Então retira a medida e pouso-a no altar.

O Iniciador pergunta ao Postulante:

"Antes de jures a Arte, estás preparado para passar a provação e ser purificado?"

O Postulante responde:

"Estou."

O Iniciador e outro bruxo do mesmo sexo ajudam o Postulante a ajoelhar-se, e curvar a sua cabeça e ombros para a frente. Eles soltam as pontas das cordas que atam os tornozelos e os joelhos juntos(12). O Iniciador vai então buscar o chicote ao Altar.

O Companheiro toca o sino três vezes e diz: "Três."

O Iniciador dá três chicotadas leves ao Postulante.

O Companheiro diz: "Sete." (Não volta a tocar o sino).

O Iniciador dá sete chicotadas leves ao Postulante.

O Companheiro diz: "Nove."

O Iniciador dá nove chicotadas leves ao Postulante.

O Companheiro diz: "Vinte e Um."

O Iniciador dá vinte e uma chicotadas leves ao Postulante (a vigésima primeira chicotada pode ser mais vigorosa, como lembrança que o Iniciador tem sido contido propositadamente.)

O Iniciador diz:

"Passaste o teste com valentia. Estás pronto a jurar que serás sempre verdadeiro com a Arte?"

O Postulante responde: "Estou."

O Iniciador diz (frase a frase):

"Então repete comigo: "Eu, _____, na presença dos Todo Poderosos, de minha livre vontade e da forma mais solene juro manter sempre secreto e nunca revelar os segredos da Arte, excepto se for a uma pessoa adequada, devidamente preparada num Círculo como

aquele em que eu estou agora; e nunca negarei os segredos a uma pessoa como esta se ele ou ela provarem ser um Irmão ou Irmã da Arte. Tudo isto eu juro pelas minhas esperanças numa vida futura, ciente que a minha medida foi tirada; e que as minhas armas se virem contra mim se eu quebrar este juramento solene."

O Postulante repete cada frase depois do Iniciador.

O Iniciador e outro bruxo do mesmo sexo ajudam agora o Postulante a pôr-se de pé.

O Companheiro traz o óleo de unção e o cálice de vinho.

O Iniciador molha a ponta do dedo no óleo e diz:

"Eu por este meio te marco com o Sinal Triplo. Consagro-te com óleo."

O Iniciador toca o Postulante com óleo logo acima do pêlo púbico, no seu seio direito, no seu seio esquerdo e outra vez acima do pêlo púbico, completando o triângulo invertido do 1.º Grau.

Depois molha a ponta do dedo no vinho, diz "Consagro-te com vinho" e toca-lhe nos mesmos locais com o vinho.

A seguir diz "Consagro-te com os meus lábios", beija o Postulante nos mesmos locais e continua "Sacerdote (sacerdotisa) e Bruxo(a)."

O Iniciador e outro bruxo do mesmo sexo tiram-lhe a venda e desatam as cordas.

O Postulante é agora um bruxo iniciado, e o ritual é interrompido para cada membro do Coentículo lhe dar as boas-vindas e os parabéns. Quando acabarem, o ritual prossegue com a apresentação dos instrumentos de trabalho. À medida que cada instrumento é apresentado, o Iniciador trá-lo do Altar e dá-o ao Iniciado com um beijo. Outro bruxo do mesmo sexo do Iniciador aguarda, e à medida que se acaba a apresentação de cada instrumento este leva-o de volta ao Altar.

O Iniciador explica as ferramentas como se segue:

"Agora apresento-te os Instrumentos de Trabalho. Primeiro, a Espada Mágica. Com isto, como com o Athame, dás forma aos Círculos Mágicos, dominas, subjugas e punes todos os espíritos rebeldes e demónios, e podes até persuadir anjos e espíritos bons. Com isto na tua mão, lideras o Círculo."

"A seguir apresento-te o Athame. Esta é a verdadeira arma do bruxo, e tem todos os poderes da Espada Mágica."

"A seguir apresento-te a Faca de Cabo Branco. É usada para formar todos os instrumentos usados na Arte. Só pode ser usada num Círculo Mágico."

"A seguir apresento-te a Varinha. A sua utilidade é chamar e controlar certos anjos e génios quando não seja apropriado o uso da Espada Mágica."

"A seguir apresento-te o Cálice. Este é o receptáculo da Deusa, o Caldeirão de Cerridwen, o Santo Graal da Imortalidade. Neste bebemos em camaradagem, e em honra à Deusa."(13)

"A seguir apresento-te o Pentáculo. Este tem o objectivo de chamar os espíritos apropriados."

"A seguir apresento-te o Incensário. É usado para encorajar e dar as boas vindas aos espíritos bons e banir espíritos maus."

"A seguir apresento-te o Chicote. É o símbolo do poder e do domínio. Também é purificador e iluminador. Por isso está escrito, "Para aprender deves sofrer e ser purificado". Estás disposto a sofrer para aprender?"

O Iniciado responde: "Estou."

O Iniciador continua: "A seguir e por fim apresento-te as Cordas. Elas são usadas para prender os Sigilos da Arte; também a base do material; e também são necessárias para o Juramento."

O Iniciador diz: "Agora saúdo-te em nome de Aradia, novo Sacerdote(Sacerdotisa) e Bruxo(a)", e beija o Iniciado.

Finalmente, conduz o Iniciado a cada um dos pontos cardeais em volta e diz: "Ouçam ó Todos Poderosos do Este [Sul/Oeste/Norte]; _____foi consagrado Sacerdote (Sacerdotisa), Bruxo(a) e criança escondida da Deusa."(14)

Se o Iniciado trouxe o seu novo Athame e/ou as Cordas, ele pode agora, como seu primeiro trabalho mágico, consagrá-los (ver Secção IV) com o Iniciador ou com a pessoa que irá ser o seu Companheiro de Trabalho, se já for conhecido, ou se (como no caso de Patricia e Arnold Crowther) eles foram iniciados na mesma ocasião.

Notas

(1) Estas cordas são para trabalhar a 'magia da corda' e cada bruxa deve ter o seu próprio conjunto pessoal. (Não se deve confundir com a corda longa e duas curtas, mencionados na lista acima, que são usadas para atar o Postulante; sugerimos que coventículo deva manter um jogo destas cordas separadas das outras, para ser usado somente em iniciações). Um modo tradicional de usar uma corda de 2,74 m pode ser, de a atar em laço, pô-la sobre o athame espetado no solo, esticando o laço totalmente (1,36 m) e usa-lo como um compasso para desenhar o círculo mágico. Doreen diz: Este método era realizado antigamente em que os soalhos das casas era, constituídos de terra batida. penso que poderiam ter usado a faca branca ou giz para desenhar o círculo real, dependendo da superfície em que trabalhavam'.

(2) Uma das nossas bruxas, doméstica, que tivesse que realizar as suas práticas de uma forma secreta, tinha como athames, duas facas brancas entre o seu conjunto de cozinha, identificável somente por ela; o seu pentáculo era um determinado prato de prata no seu armário; e assim, por diante. Tal secretismo era necessário, nos dias de perseguição, e naturalmente a vassoura tradicional de bruxa num passe de mágica disfarçada num espanador.

(3) Na prática Alexandrina, utilizam-se somente duas cordas. Uma vermelha para a garganta e os pulsos e uma branca para um dos tornozelos. Ainda segundo Doreen: 'As nossas cordas eram geralmente vermelhas, a cor da vida, tendo sido também usadas outras cores, como o verde, azul ou preto. Nenhum significado particular foi unido a esta cor, excepto ser uma cor da nossa preferência vermelho apesar de não ser fácil encontrar corda de seda de qualidade apropriada para o efeito.

(4) Isto assemelha-se a uma característica da iniciação Maçónica, apontando ao peito do Postulante.

(5) Dos textos de Gardner, isto aparece somente no High Magic's Aid. O ritual Alexandrino usa-o, mas como uma regra.

(6) Drawing Down The Moon (Atrair a Lua) Se o Iniciador é o Sumo-Sacerdote, pode sentir ser uma altura apropriada para acrescentar o Drawing Down The Sun (ver Secção VI) ao Ritual tradicional.

(7) A Cruz Cabalística é pura prática da Aurora Dourada (ver Israel Regardie, The Golden Dawn, 3ª edição, vol. I, p. 106). Surge nos textos de Gardner, "mas na prática não me lembro de alguma vez termos feito isto" diz-nos Doreen. Incluímo-lo aqui para ficar mais completo, mas também não o usamos nas Iniciações; como muitos bruxos, usamos muitas vezes Magia Cabalística, mas sentimos que está fora do contexto em algo como tradicionalmente wiccano num Ritual de Iniciação. Malkuth, Geburah e Gedulah (de outra forma Chased) são obviamente Sephorith da Árvore da Vida, e a declaração Hebraica significa claramente "porque Teu é o Reino, e o Poder, e a Glória, para sempre" uma pista interessante de que Jesus conhecia a sua Cabala. Alguns cabalistas acreditam que foi este conhecimento, mesmo quando era rapaz, que espantou os doutores do Templo (Lucas II, 46-7).

(8) O High Magic's Aid dá esta forma; o Texto B descreve "Perfeito Amor para a Deusa, Perfeita Confiança na Deusa". Preferimos a forma mais curta, porque também significa Amor e Confiança para com o Coventículo, e pode ser citado e guardado como um modelo a manter.

(9) O High Magic's Aid dá esta forma; o Texto B descreve "Ó Senhores Misteriosos e gentis Deusas". Uma vez que os Guardiães das Torres de Vigia são os reconhecidos Guardiães dos Pontos Cardeais e foram invocados no ritual de fecho do Círculo, preferimos a forma do High Magic's Aid. Aqui é utilizado o nome vulgar do Postulante, uma vez que só se toma um nome mágico a partir do Segundo Grau.

(10) Ou qualquer nome de Deus ou Deusa que o Coventículo use (ver os nossos comentários aos nomes Cernunnos e Aradia na p.14).

(11) Os textos de Gardner utilizam a mesma expressão para ambos os sexos: "peitos formados na beleza e força." Doreen explica-nos: "Esta expressão era uma alusão ao corpo humano como uma forma de Árvore da Vida, com Gedulah de uma lado e Geburah do outro." Preferimos "peitos, formados na beleza" para uma mulher e "peito, formado na força" para um homem; este identifica-se mais com o Beijo Quintuplo como uma saudação à polaridade homem/mulher, e com o tom essencialmente Wiccano (em vez do Cabalístico) das outras quatro declarações.

(12) Noutro ponto (ver p.54) o Livro das Sombras diz que enquanto se ajoelha a ponta do fio deve estar presa ao Altar

2 - Iniciação do Segundo Grau

A Iniciação de 2.º Grau promove um bruxo(a) de 1.º Grau a Sumo-Sacerdote ou Sumo-Sacerdotisa; não necessariamente a líder do seu Coventículo, claro. Se os nossos leitores não se importarem que estabeleçamos um paralelo com os militares, a distinção é a mesma da existente entre "um" Coronel ou "o" Coronel; o primeiro significa que estamos a falar do detentor de um determinado posto, o segundo que estamos a falar do comandante de uma unidade em particular.

Um bruxo(a) de Segundo Grau pode iniciar outros apenas, claro, do sexo oposto, e para o 1.º ou 2.º Graus. (As duas excepções especiais a esta regra já foram explicadas na página 11). Estamos aqui a falar acerca da Tradição normal Alexandrina ou Gardneriana. A auto-iniciação, e a fundação de Coventículos quando não existe ajuda exterior disponível, é outro assunto, e iremos aprofundá-lo na Secção XXIII; mas mesmo aí sugerimos que, quando um Coventículo "auto-criado" está devidamente estabelecido e a funcionar, deve ser bem entendido que se deve manter nas regras Alexandrinas/Gardnerianas (ou na tradição equivalente em que se baseou).

Queremos pôr muito ênfase na opinião que iniciar alguém acarreta responsabilidade para o Iniciador, tanto em decidir se o Postulante é adequado (ou, se potencialmente adequado, se está preparado) para esta fase, como em garantir que o seu treino irá continuar. A Iniciação pode ter repercussões psíquicas e kármicas muito fortes, e se for dada de uma forma irresponsável, os resultados podem tornar-se parte do karma do próprio Iniciador. Os líderes dos Coventículos devem lembrar-se disto quando decidem se alguém está pronto para o segundo grau, e perguntar-se a si próprios em particular se o candidato é maduro o suficiente para lhe ser confiado o direito de iniciar outros; se não, os seus erros podem muito bem recair no seu karma!

Se um bruxo(a) de segundo grau acabado de iniciar tiver sido bem escolhido e devidamente ensinado, é óbvio que não estará ansioso de apressadamente iniciar pessoas só porque as regras o permitem. A prática no nosso Coventículo (e, estamos certos, em muitos outros) tem sido sempre que bruxos(as) de segundo e terceiro grau que não sejam o Sumo-Sacerdote ou a Sumo-Sacerdotisa não conduzem normalmente iniciações excepto a pedido, ou com a aprovação, da Sumo-Sacerdotisa. Muitas vezes isto acontecerá se o Postulante é um amigo apresentado pelo membro em causa, ou se estes desejam ser companheiros de trabalho. Ou pode ser feito para dar ao membro prática e auto-confiança no Ritual.

Outra implicação de ser um(a) bruxo(a) de Segundo Grau é que se pode, com a aprovação da Sumo-Sacerdotisa, deixar o Coventículo e fundar o seu próprio Coventículo com o companheiro de trabalho. Nesse caso, fica-se ainda sob as orientações do Coventículo de origem até os seus líderes decidirem que se está pronto para a independência total; eles darão então a Iniciação de Terceiro Grau, depois da qual ficam completamente autónomos. (Nós próprios seguimos este padrão; o Alex e a Maxim Sanders deram-nos o Segundo Grau no dia 17 de Outubro de 1970; mantivemo-nos no Coventículo deles mais alguns meses e então, com a sua aprovação, trouxemos três dos seus estudantes que ainda não tinham sido iniciados e fundámos o nosso próprio

Coventículo em 22 de Dezembro de 1970, iniciando nós próprios estes estudantes. No dia 24 de Abril de 1971 Sanders deu-nos o Terceiro Grau, e o nosso Coventículo tornou-se então independente. Temos razões para acreditar que o Alex, pelo menos mais tarde, desejou que o cordão umbilical não tivesse sido cortado tão cedo. Mas aconteceu, e sem malícia estamos preparados para aguardar o resultado.)

A tradição, pelo menos na Arte Gardneriana, é que a nova base do Coventículo deve estar a pelo menos 5 quilómetros do antigo e que os seus membros devem evitar qualquer contacto com os membros do antigo Coventículo. Qualquer contacto necessário deve existir apenas entre o Sumo-Sacerdote e a Sumo-Sacerdotisa dos dois Coventículos. Esta prática é chamada de "fora do Coventículo" e obviamente tem as suas raízes nos séculos de perseguição.

Seria muito difícil observá-lo na prática nos nossos dias, particularmente em condições urbanas; esta regra, por exemplo, seria quase impraticável em locais como Londres, Nova Iorque, Sydney ou Amesterdão. Mas ainda há muito a dizer acerca de "voiding the Coventículo" no sentido da prevenção deliberada e da sobreposição de trabalho entre o Coventículo antigo e o novo. Se isto não for feito, as fronteiras esbater-se-ão, e o novo grupo terá muitas dificuldades em estabelecer a sua própria identidade e em construir o seu próprio espírito de grupo. Pode mesmo existir uma tendência, entre os membros mais fracos do novo Coventículo, de "fugir para a Mamã" com críticas aos seus líderes que a "Mamã", se for sábia, desencorajará firmemente.

A Maxime impôs a regra do "fora do Coventículo" rigorosamente no seu recém-formado grupo; e, em retrospectiva, estamos satisfeitos que o tenha feito.

Dois ou mais Coventículos (incluindo os Coventículos com estas relações e seus "frutos") podem sempre juntar-se, por convite ou por acordo mútuo, para um dos Festivais do Ano, e estes Festivais combinados podem ser muito agradáveis; mas são ocasiões de celebração e não de trabalho. Trabalhos combinados, por outro lado, não são geralmente muito boa ideia, excepto com objectivos específicos e em circunstâncias especiais (o exemplo clássico é talvez o famoso esforço em tempo de guerra dos Bruxos do Sul de Inglaterra de frustrar os planos de invasão de Hitler no entanto o "objectivo específico", a motivação não tem de ser tão forte como esta.)

Os bruxos de Segundo e Terceiro Grau formam os "anciães" do Coventículo. Como, e quantas vezes, são estes chamados nesta qualidade, é da responsabilidade da Sumo-Sacerdotisa. Mas, por exemplo, num assunto disciplinar em que a Sumo-Sacerdotisa sinta que não deve apenas agir com a sua autoridade pessoal, os "anciães" fornecem um "júri" natural. A Sumo-Sacerdotisa deve ser a líder inquestionável do Coventículo e dentro do círculo, absolutamente; se alguém tem dúvidas honestas acerca das suas decisões, a questão pode ser calmamente levantada depois do Círculo ter sido banido. Mas ela não deve ser uma tirana prepotente. Se ela e o seu Sumo-Sacerdote tiverem respeito e depositarem confiança suficientes em membros específicos do seu Coventículo para os fazerem anciães, devem dar o devido valor aos seus conselhos quanto às decisões do Coventículo e ao trabalho a ser feito.

Todas estas questões parecem desviar o assunto da Iniciação de Segundo Grau para tópicos mais gerais; mas é extremamente relevante para esta questão decidir quem está e

quem não está pronto para o Segundo Grau.

É como diz o próprio ritual de Iniciação: os Textos B e C do Livro das Sombras de Gardner são idênticos. A primeira parte do ritual de segundo grau segue um padrão similar ao do primeiro (apesar das diferenças próprias): o acto de atar o Iniciado, a apresentação aos pontos cardeais, as chicotadas rituais, a consagração com óleo, vinho e lábios, o desatar, a apresentação dos instrumentos de trabalho (mas desta vez para serem utilizados ritualmente pelo Iniciado de imediato) e a segunda apresentação aos pontos cardeais.

Existem três elementos que pertencem ao ritual de Segundo Grau que não são parte do ritual de Primeiro Grau.

Primeiro, é atribuído ao Iniciado um nome de Bruxo (nome mágico), que ela ou ele escolheu previamente. A escolha é inteiramente pessoal. Pode ser um nome de um Deus ou de uma Deusa que expresse uma qualidade a que o Iniciado aspire, como Vulcano, Thétis, Thoth, Poséidon ou Ma'at. (Os nomes mais elevados de cada panteão particular, como Zeus ou Ísis, devem, sugerimos, ser evitados; eles podem ser interpretados como arrogância implícita do Iniciado). Ou pode ser um nome de uma figura histórica ou lendária, de novo implicando um aspecto particular, como Amerfin o Bardo, Morgana, a Feiticeira, Orpheus, o Músico, ou Pythia, o Oráculo. Pode mesmo ser um nome sintético construído com as letras iniciais de aspectos que criem um equilíbrio desejável no Iniciado (um processo desenhado a partir de um certo tipo de magia ritual). Mas, qualquer que seja a escolha, não deve ser casual ou apressada; uma consideração e meditação aprofundadas antes da escolha é em si um acto mágico.

Segundo, depois do Juramento o Iniciador ritualmente envia todo o seu poder para o Iniciado. Também isto não é uma cerimónia, mas um acto de concentração mágica deliberada, em que o Iniciador aposta tudo o possível em manter e lidar com a continuidade do poder psíquico na Arte (Craft no original).

E em terceiro lugar, o uso ritual das cordas e do chicote é a ocasião para dramatizar uma lição acerca do que é muita vezes chamado de "efeito boomerang"; nomeadamente, que qualquer esforço mágico, quer para fazer o bem ou fazer o mal, retorna a triplicar para a pessoa que o faz. O Iniciado usa as cordas para amarrar o Iniciador da mesma forma que o Iniciado(a) foi amarrado anteriormente, e então dá ao Iniciador três vezes as chicotadas rituais que o Iniciador lhe deu. Isto é ao mesmo tempo uma lição e um teste para verificar se o Iniciado amadureceu o suficiente para reagir às acções de outras pessoas com a necessária contenção. Um aspecto mais subtil da lição é que, apesar de o Iniciador estar no comando, este não é fixo nem eterno, mas é antes uma confiança o tipo de confiança que agora está depositada também no Iniciado; porque ambos (Iniciador e Iniciado) têm por último posição igual no plano cósmico, e ambos são canais para o poder ser invocado, não a sua fonte.

A segunda parte do ritual é a leitura, ou aprovação, da Lenda da "Descida da Deusa do Mundo do Subterrâneo". Temos esta em completo detalhe, acompanhado com os movimentos a executar, na Secção XIV dos Oito Sabbats para Bruxas; assim tudo o que aqui fazemos é transmitir o texto em si, como surge nos Textos B e C do Livro das Sombras. A Doreen Valiente comenta que o nosso texto no Oito Sabates para Bruxas "é um pouco mais cheio que este (e incidentalmente aponta que a palavra "Controlador" na

p.171, linha 7, da primeira edição devia ser "Consolador" (trad.à letra!).) Gardner dá uma versão ligeiramente diferente no Capítulo III da Witchcraft Today(1); mas aqui mantivemo-nos no conteúdo do Texto C (com duas pequenas excepções ver p. 303, notas 10 e 11.)

A Doreen diz-nos que no Coentículo de Gardner, "esta Lenda era lida depois da Iniciação de Segundo Grau, quando todos estavam calmamente sentados no Círculo. Se existissem suficientes pessoas presentes, poderia ser também dramatizada, com os intervenientes fazendo os gestos enquanto uma pessoa lê alto a Lenda."

No nosso representamos sempre a Lenda enquanto um narrador a lê e é possível que tenhamos os actores a ler as suas próprias falas. Pensamos que a Lenda dramatizada, com o Iniciado no papel de Senhor do Submundo se for um homem, ou de Deusa se for uma mulher, é muito mais eficaz que uma mera leitura da Lenda. É uma questão de opção; mas aqueles que partilham a nossa preferência por uma representação são referidos no "Oito Sabates para Bruxas".

No ritual que se descreve abaixo, uma vez que o Iniciado já é bruxo(a), referimo-nos sempre como "Iniciado"; e voltamos a referir-nos ao Iniciador como "ela", o Iniciado como "ele", e o Companheiro como "ele", por uma questão de simplicidade apesar de, como antes, poder ser ao contrário.

Queríamos referir que os bruxos Americanos usam agora universalmente o pentagrama direito isto é, apenas com uma ponta para cima como sigla do Segundo Grau, porque o pentagrama invertido é associado com o pensamento americano sobre o satanismo. Os bruxos europeus, no entanto, ainda usam o tradicional pentagrama invertido, com as duas pontas para cima, mas sem implicações sinistras. O simbolismo europeu significa que, não obstante os quatro elementos de Terra, Ar, Fogo e Água estarem agora em equilíbrio, ainda dominam o quinto, o Espírito. O pentagrama direito do Terceiro Grau simboliza que agora o Espírito domina, rege os outros. Dada a diferença entre o uso Europeu e o Americano, damos duas alternativas no procedimento da unção no ritual que se segue.

A Preparação

Tudo é preparado como para um Círculo normal, com os seguintes itens adicionais também preparados:

- Uma venda;
- Três comprimentos de corda vermelha: uma com 2,75m e duas com 1,45m;
- Óleo de unção;
- Uma vela branca nova não acesa;
- Um pequeno sino de mão;
- Algumas jóias;
- Um colar no Altar;
- Um véu;
- Uma coroa;

As jóias são para a mulher fazer o papel de Deusa; assim, se o ritual for de "Véu do Céu" estas devem obviamente ser coisas como pulseiras, anéis e brincos, e não alfinetes de peito! A coroa é para o homem que representa o papel de Deus do Submundo e pode ser

tão simples como um círculo de arame se nada melhor estiver disponível.

A venda deve ser de algum material opaco, como para o primeiro grau; mas o véu deve ser leve, fino e bonito, e preferentemente numa das cores da Deusa azul, verde ou prateado.

O Ritual

O ritual de abertura é o usual até ao fim da invocação do "Grande Deus Cernunnos", com o Iniciado a tomar o seu lugar normal no Coentículo. No fim da invocação de Cernunnos, o Iniciado vai para o centro do Círculo e é atado e vendado pelos bruxos do sexo oposto, exactamente como na Iniciação de primeiro grau.

O Iniciador conduz o Iniciado aos pontos cardeais em volta e diz:

"Ouçam ó Poderosos do Este [Sul, Oeste, Norte], _____(nome vulgar), um Sacerdote e Bruxo consagrado, está agora devidamente preparado para ser Sumo Sacerdote e Mago [Sumo Sacerdotisa e Rainha Feiticeira](2)

O Iniciador conduz o Iniciado de volta para o centro do Círculo e vira-o para o altar. Ele e o Coentículo dão as mãos e rodeiam-no três vezes.(3)

Os bruxos que ataram o Iniciado completam agora a tarefa desapertando as pontas soltas das cordas do joelho e tornozelo e apertando os joelhos e tornozelos juntos. Podem então ajudá-lo a ajoelhar-se em frente ao altar.

O Iniciador diz:

"Para atingir este sublime grau, é necessário sofrer e ser purificado. Estás disposto a sofrer para aprender?"

O Iniciado diz:

"Estou."

O Iniciador diz:

"Purifico-te para que tomes acertadamente este grande Juramento."

O Iniciador vai buscar o chicote ao altar, enquanto o Companheiro toca o sino três vezes e diz: "Três."

O Iniciador dá três chicotadas leves ao Iniciado.

O Companheiro diz: "Sete." (Não volta a tocar o sino)

O Iniciador dá sete chicotadas leves ao Iniciado.

O Companheiro diz: "Nove."

O Iniciador dá nove chicotadas leves ao Iniciado.

O Companheiro diz: "Vinte e Um."

O Iniciador dá vinte e uma chicotadas leves ao Iniciado. Então dá o chicote ao Companheiro (que o recoloca junto com o sino no altar) e diz:

"Dou-te agora um novo nome, _____ [o seu nome mágico escolhido]. Qual é o teu nome?" Ele dá-lhe uma pequena pancada enquanto pergunta(4).

O Iniciado responde:

"O meu nome é _____ (repetindo o seu novo nome mágico.)

Cada membro do Coventículo em volta dá então ao Iniciado uma pequena pancada ou empurrão, perguntando "Qual é o teu nome?" e o Iniciado responde sempre "O meu nome é _____." Quando o Iniciador decide que é suficiente, dá um sinal ao Coventículo para parar, tomando os seus membros os respectivos lugares.

O Iniciador então diz (frase a frase):

"Repete o teu nome depois de mim, dizendo: "Eu, _____, juro sobre o ventre da minha mão, e pela minha honra entre os homens e entre os meus Irmãos e Irmãs da Arte, que nunca revelarei, a qualquer pessoa, algum dos Segredos da Arte, excepto se for uma pessoa merecedora, devidamente preparada, no centro de um Círculo Mágico como este onde agora estou. Isto eu juro pelas minhas esperanças na salvação, pelas minhas vidas passadas, e pelas minhas esperanças nas vidas futuras ainda para vir; e destino-me e à minha medida à destruição se eu quebrar este meu Juramento solene." O Iniciador ajoelha-se ao lado do Iniciado e põe a sua mão esquerda sob o seu joelho e a sua mão direita na sua cabeça, para formar a Ligação Mágica.

Então diz:

"Deposito em ti todo o meu poder."

Mantendo as mãos na posição da Ligação Mágica ele concentra-se pelo tempo que julgar necessário para depositar todo o seu poder no Iniciado.(5)

Depois disto, levanta-se.

Os bruxos que amarraram o Iniciado avançam, libertam os joelhos e tornozelos do Iniciado e ajudam-no a levantar-se. O Companheiro traz o cálice de vinho e o óleo de unção.

O Iniciador molha a ponta do dedo no óleo e diz:

"Consagro-te com óleo."

Então toca no Iniciado com o óleo mesmo acima do pêlo púbico, no seu peito direito, na sua anca esquerda, na sua anca direita, no seu peito direito e novamente acima do pêlo

público, completando o pentagrama invertido do Segundo Grau.6

(No uso Americano: garganta, anca direita, peito esquerdo, peito direito, anca esquerda, e garganta novamente.)

Molha então o dedo no vinho, diz "Consagro-te com vinho", e toca-lhe nos mesmos locais com o vinho.

Então diz "Consagro-te com os meus lábios", beija-o nos mesmos locais e continua: "Sumo Sacerdote e Mago (Sumo Sacerdotisa e Rainha Feiticeira)."

As bruxa que amarraram o Iniciado avançam e removem a venda para o cumprimentar e lhe dar os parabéns, beijando-o ou apertando a mão conforme apropriado. Uma vez isto feito, o ritual continua com a apresentação e uso dos instrumentos de trabalho. À medida que cada instrumento é nomeado, o Iniciador trá-lo do altar e dá-o ao Iniciado com um beijo. Outro bruxo do mesmo sexo que o Iniciador espera, e à medida que cada ferramenta acaba de ser apresentada, recebe-a do Iniciado com um beijo e recoloca-a no altar.

Para começar, o Iniciador diz:

"Agora irás usar os Instrumentos de Trabalho. Primeiro, a Espada Mágica."

O Iniciado pega na espada e reabre o Círculo, mas sem falar.

O Iniciador diz: "Em segundo lugar, o Athame."

O Iniciado pega no Athame e novamente reabre o Círculo sem falar.

O Iniciador diz: "Em terceiro lugar, a Faca de Cabo Branco."

O Iniciado pega na faca de cabo branco e vai buscar a vela branca por acender ao altar. Então usa a faca para inscrever um pentagrama na vela, que recoloca depois no altar.(7)

O Iniciador diz: "Em quarto lugar, a Varinha."

O Iniciado pega na varinha e agita-a aos quatro pontos cardeais em volta.(8)

O Iniciador diz: "Em quinto lugar, o Cálice."

Então o Iniciado e o Iniciador consagram juntos o vinho no cálice.(9)

O Iniciador diz: "Em sexto lugar, o Pentáculo."

O Iniciador pega no Pentáculo e mostra-o aos quatro pontos cardeais em volta.

O Iniciador diz: "Em sétimo lugar, o Incensário."

O Iniciado pega no Incensário e transporta-o à volta do perímetro do Círculo.

O Iniciador diz: "Em oitavo lugar, as Cordas."

O Iniciado pega nas cordas e, com a ajuda do Companheiro, amarra o Iniciador da mesma maneira que ele próprio foi amarrado. Iniciado e Companheiro ajudam então o Iniciador a ajoelhar-se em frente ao altar.

O Iniciador diz:

"Em nono lugar, o Chicote. Para que aprendas, na Arte (Witchcraft) deves sempre dar como receber, mas sempre a triplicar. Por isso onde te dei três, devolve nove; onde dei sete, devolve vinte e um; onde dei nove, devolve vinte e sete; onde dei vinte e um, devolve sessenta e três."

O bruxo que espera entrega o chicote ao Iniciado com um beijo.

O Companheiro diz: "Nove."

O Iniciado dá nove chicotadas leves ao Iniciador.

O Companheiro diz: "Vinte e Um."

O Iniciado dá vinte e uma chicotadas leves ao Iniciador.

O Companheiro diz: "Vinte e Sete."

O Iniciado dá vinte e sete chicotadas leves ao Iniciador.

O Companheiro diz: "Sessenta e Três."

O Iniciado dá sessenta e três chicotadas leves ao Iniciador.

O Iniciador diz:

"Obedecestes à Lei. Mas lembra-te bem, quando receberes o bem, também estás incumbido de devolver o bem triplamente."

O Iniciado, com a ajuda do Companheiro, ajuda o Iniciador a levantar-se e desamarra-o.

O Iniciador leva agora o Iniciado a cada um dos pontos cardeais em volta, dizendo: "Ouçam, ó Poderosos do Este [Sul, Oeste, Norte]: _____ [nome mágico] foi devidamente consagrado Sumo Sacerdote e Mago [Sumo Sacerdotisa e Rainha Feiticeira]."

O Coentículo prepara-se agora para a Lenda da "Descida da Deusa do Mundo do Subterrâneo". O Iniciador nomeia um Narrador para ler a Lenda, se não for ele próprio a ler. Se a Lenda também for dramatizada, então nomeará actores para a Deusa, o Senhor do Submundo, e o Guardião dos Portais. É usual que o Iniciado represente o papel ou de Deusa ou de Senhor do Submundo, de acordo com o sexo, e que o seu companheiro de trabalho (se existir um) represente o outro. Na tradição mitológica restrita, o Guardião deve ser um homem, mas não é essencial. (Nos textos de Gardner, "Guardiães" é plural,

mas este facto parece colidir com a mitologia.)

A Lenda da Descida da Deusa do Mundo do Subterrâneo (10)

A nossa Senhora a Deusa nunca amou, mas Ela resolvia todos os Mistérios, até o Mistério da Morte; então fez uma viagem ao Submundo.(11)

Os Guardiães dos Portais desafiaram-na: "Despe os teus trajes, tira as tuas jóias; porque não os podes trazer para esta nossa Terra."

Então Ela despiu os seus trajes e tirou as suas jóias, e foi amarrada, como todos os que entram no Reino da Morte, a Poderosa.(12)

E era tal a sua beleza, que a própria Morte se ajoelhou e beijou os seus pés, dizendo: "Abençoados sejam os teus pés, que te trouxeram para estes caminhos. Fica comigo; mas deixa-me pôr a minha mão fria no teu coração."

Ela respondeu: "Eu não te amo. Porque é que acabas com todas as coisas que amo e tens prazer em que esmoreçam e morram?"

"Senhora", respondeu a Morte, "esta idade e destino, contra as quais nada posso fazer. A idade faz com que todas as coisas murchem; mas quando os homens morrem no fim do tempo, eu dou-lhes descanso e paz, força para que eles possam retornar. Mas Tu! Tu és maravilhosa. Não voltes; fica comigo!"

Mas ela respondeu: "Não te amo".

Então disse a Morte: "Como não recebeste nem a minha mão ou o teu coração, terás de receber o chicote da Morte".

"É o destino assim seja," disse Ela. E Ela ajoelhou-se, e a Morte chicoteou-a carinhosamente. E ela chorou, "Sinto as pancadas do amor".

E a Morte disse, "Abençoada Sejas!" e deu-lhe o Beijo Quíntuplo, dizendo: "Que assim te possas manter na alegria e conhecimento." E Ele ensinou-Lhe todos os Mistérios, e Eles amaram e foram um, e Ele ensinou-Lhe todas as Magias.

Porque existem três grandes acontecimentos na vida de um homem: Amor, Morte e Ressurreição no novo corpo; e a Magia controla-os todos. Pois para realizar o Amor deves voltar ao mesmo sítio e lugar e na mesma altura que a pessoa que amas, e deves lembrar-te e amá-la novamente. Mas para renascer tens de morrer e estar pronto para um corpo novo; e para morrer tens de ter nascido; e sem amor não podes nascer; e isto é tudo a Magia.

Notas

(1) . Gardner diz que é possível que as histórias de Ishtar e de Siva podem ter influenciado o mito, 'mas sob o ponto de vista da história é diferente.... eu penso que a sua origem é provavelmente Céltica'. (Witchcraft Today, pp. 41-2.)

(2) . Este é o teor tradicional de apresentação às Atalaias; mas uma Sumo-Sacerdotisa não é por um lado chamada 'a Rainha Bruxa' até ter um coventículo dela pelo menos dois outros enxamearam fora disto. (Ver Oito Sabates para Bruxas, Capítulo 15).

(3) . O Texto C somente diz: 'Circular três vezes. Em segurança'. Mas se a Sumo-Sacerdotisa preferir, não há razão nenhuma para que a Letra Runa das Bruxas não deveria ser cantada durante o circular, o qual naquele caso continua até a Runa ter acabado.

(4) . Este interrogatório e "espancamento", pelo Iniciador e pelo coventículo, é uma adição Alexandriana. Nós incluímos isto aqui porque a usamos. Nós encontramos estimulante esta mudança entre as duas solenidades de ritual do açoitado e o Juramento e também assegura que todo o coventículo se lembrarão do novo nome. Mas é uma questão de escolha. Texto C corre sem interrupção 'eu dou para Vós um nome secreto, _____ . Repete o teu novo nome depois de mim, dizendo...' assim Valiente faz um comentário sobre nosso costume: 'Isto é um antigo costume dos Amarrados, quando as crianças eram determinadas a assoprar a vela ou para mostrar onde eram os limites da paróquia; um costume do antigo povo que acredito, ainda é mantido nalguns lugares'.

(5) . Às vezes é a nossa prática para a Janet chamar Stewart (ou vice-versa) e também o outro lado do Iniciado formar um Vínculo Mágico, assim dará poder a ele ou a ela juntos. Em outras ocasiões, está qualquer um de nós o Companheiro que reforçará há pouco o esforço do Iniciador, com um desses casos nos quais uma sociedade de funcionamento boa vai o que é na ocasião certo, mentalmente.

(6) . Gardner não descreveu em esboço estes cinco pontos em palavras no ritual dele.

(7) . No Texto C diz somente 'Usa. S.' ('S é no Livro das Sombras o beijo). A inscrição na vela é o nosso modo de usar isto. O Iniciado arranja um lugar seguro para a vela, e quando ele funda o próprio coventículo, ele acende a vela no Altar, isto no primeiro Círculo do novo coventículo, e deixa-a queimar completamente. Mesmo que ela não funde o próprio coventículo, mantém a vela como sendo um direito dele.

(8) . A prática Alexandriana é levar a varinha três vez à volta do Círculo dirige-se para os pontos cardeais, somando no total, doze vezes. O resto dos instrumentos são levados para o círculo uma única vez. Desconhecemos a razão disso.

(9) . Nós adicionamos o Cálice na lista de apresentações do Livro das Sombras no Rito do primeiro-grau, pelas razões que nós damos na pág. 258.

(10) . O Texto C é encabeçado 'The Magical Legend of A.' e começa: 'Agora A. Nuca amou, mas ela... '. Na Witchcraft Today a versão é encabeçada pelo 'Mito da Deusa' e diz: 'Agora G. nunca tinha amado, mas ela...'. 'A.' é o nome da Deusa usado por Gardner, e 'G. ' deve ser a Deusa, somente há muitos mitos da Deusa, e 'A Lenda do Descida da Deusa' melhora como um título identificativo. Os Coventículos podem usar claro o nome de Deusas em vez de 'nossa Senhora a Deusa' se preferirem.

(11) . Os textos de Gardner dizem 'para as Terras Inferiores - um dos raros disparates de Gardner porque soava sempre, comicamente, como 'para o Países Baixos' i.e. para a

Holanda. Sugerimos realmente que 'para o Mundo dos Mortos' é melhor, por essa razão.

(12) . Gardner criou a sua própria nota de rodapé no Livro de Sombras: 'Costume Céltico de bater nos corpos. A corda que tinha ligado um corpo foi útil para aprender a segunda visão'. Ele repetiu e ampliou esta afirmação em Witchcraft Today em pág. 159, Nota 2.

3 - Iniciação do Terceiro Grau

A Iniciação de Terceiro Grau eleva um bruxo ao mais alto dos três níveis da Arte. Resumindo, um bruxo de Terceiro Grau é totalmente independente, respondendo apenas aos Deuses e à sua própria consciência. Pode Iniciar outros no Primeiro, Segundo ou Terceiro Graus e pode fundar um Coventículo completamente autônomo que (ao contrário daqueles com líderes de Segundo Grau) já não está sujeito à orientação do Coventículo-Mãe. No entanto, é óbvio que enquanto permanecer membro do Coventículo-Mãe esta independência está suspensa; cada membro do Coventículo, qualquer seja o seu Grau, deve aceitar a autoridade da Sumo-Sacerdotisa e do Sumo Sacerdote; se um membro do Terceiro Grau já não o conseguir fazer, é altura de abandonar este Coventículo e fundar o seu próprio.

É como diz na Lei(1): "Se eles não concordarem com os seus Irmãos, ou se disserem "não trabalharei sob esta Sumo-Sacerdotisa", a Antiga Lei tem sido sempre favorável ao Irmão e com o objectivo de evitar confrontos. Qualquer um do Terceiro pode reclamar o direito de fundar um novo Coventículo..."

O Ritual de Iniciação do Terceiro Grau é o Grande Rito. Nós damos uma das formas deste, para uso nos Festivais, na Secção II do livro Oito Sabbats para Bruxas. Abaixo, fornecemos a versão do Texto B de Gardner, mais o Texto C, que é uma forma alternativa da Declamação(2). Cada uma destas três formas pode ser "real" ou Simbólica. Todas estas formas de executar o Grande Rito diferem, mas a sua intenção e espírito são os mesmos; e fazemos questão de por máximo ênfase na convicção que qualquer outra forma de Ritual que seja adequada para um Coventículo em particular será igualmente válido desde que a intenção e o espírito tenham sido entendidos e sejam expressados de forma verdadeira.

Na sua forma "real" o Grande Rito é um Ritual sexual que envolve relações sexuais entre o homem e a mulher que o executam. Na sua forma simbólica pode ser chamado um Ritual genérico, de polaridade homem-mulher mas não envolvendo relações sexuais entre eles.

Lidamos aprofundadamente a atitude wiccana em relação ao sexo na Secção XV mais abaixo. Mas para evitar equívocos queremos aqui frisar que um bruxo, o sexo é sagrado uma força polarizada, linda e sem vergonha que é intrínseca à natureza do Universo. É suposto que seja tratado com reverência, mas sem puritanismo. A Arte não pede desculpas por usar as relações sexuais entre o homem e uma mulher adequados, em privado, como um sacramento mental e espiritual. A chave para o "real" (portanto para o simbólico) Grande Rito é o voto na Declamação: "porque não existe parte de nós que não seja dos Deuses".

No Ritual, o corpo da Sacerdotisa é visto como o Altar da Deusa que ela representa e pela qual é um canal. O seu ventre focal é adorado como "a fonte da vida sem a qual nós não existiríamos"; e nenhuma desculpas serão também devidas para este simbolismo antigo e sagrado.

A questão, é claro, quem são "o homem e a mulher apropriados" para executar o Grande Rito "real" em vez do simbólico?

Diríamos categoricamente "e pesarmos que a maioria da Arte concorda conosco" que deve ser apenas um homem e uma mulher entre os quais as relações sexuais sejam já uma parte normal e amorosa da sua relação; por outras palavras marido e mulher ou amantes com uma relação duradora. E deve ser sempre executado em privado.(3) A Wicca é descomplexada, mas não promíscua ou voyeurística. O Grande Rito "real" deve invocar todos os níveis e um envolvimento total como este, na atmosfera de ampliação de poder de um Ritual solene, traria violência a qualquer relacionamento que não estivesse já harmonizado para esse efeito.

No entanto isto não implica que o Grande Rito Simbólico seja uma mera encenação ou de alguma forma ineficaz. Pode ser um Rito poderoso e comovente, quando executado sinceramente por dois amigos sinceros que não sejam amantes. Este, também invoca os níveis, mas de uma forma que um irmão e irmã da Arte maduros são bem capazes de suportar.

Porque a Arte usa um ritual sexual para marcar o seu mais alto grau de Iniciação? Porque expressa três princípios fundamentais da Arte. Primeiro, que a base de todo o trabalho mágico ou criativo é a polaridade, a interação de aspectos complementares. Segundo "Assim na terra como no Céu"; nós somos da natureza dos Deuses, um homem e uma mulher completamente realizados são canais para essa divindade, uma manifestação do Deus e da Deusa, (cada um manifestando elementos dos dois). E terceiro, que todos os níveis do físico ao espiritual são igualmente sagrados.

Um homem e uma mulher que estão prontos para o seu 3º Grau são bruxos que se desenvolveram até a um nível onde os três princípios não são meramente apreendidos em teoria mas estão integrados na sua própria atitude devida e portanto no seu trabalho na Arte. Assim, o Grande Rito "real" ou simbólico, expressa ritualmente o seu estado de desenvolvimento.

Como será então o Grande Rito aplicado na prática na Iniciação do 3º Grau?

Existem apenas dois participantes activos, quer em toda a duração do Ritual Simbólico ou na primeira parte de um Ritual "real". Estes dois podem ser tanto homem (já 3º Grau) a iniciar a mulher, ou a mulher (já 3º Grau) a iniciar o homem; ou podem ambos ser do 2º Grau, iniciando-se no 3º Grau juntos sobre a supervisão da Sumo-Sacerdotisa ou do Sumo-Sacerdote. O último caso é particularmente adequado para uma parceria de trabalho, especialmente se estiverem a preparar-se para constituir o seu próprio Coentículo ou se já dirigem um como bruxos de 2º Grau sob a orientação do Coentículo-Mãe (nós próprios recebemos o 3º Grau nestas circunstâncias como explicamos na pág. 32).

O Ritual em qualquer destes casos é o mesmo; por isso, no texto que se segue referimo-nos à mulher e ao homem simplesmente como a "Sacerdotisa" ou "Sacerdote".

A menos que o Sacerdote seja Sumo-Sacerdote, acostumado a executar o Grande Rito em Festivais ou noutras ocasiões, seria pedir muito esperar que ele conhecesse a longa Declamação de cor. Por isso, é uma questão de escolha se ele o lê ou é o Sumo-Sacerdote a declamá-lo enquanto o executa. "Esta é a única situação em que uma terceira pessoa toma

parte activa". Se o Ritual é o "real" terá concerteza de ser ele próprio a ler ou a arender as passagens finais.

Os textos do Grande Rito de Gardner incluem três flagelações rituais sucessivas ao homem pela mulher, à mulher pelo homem, e novamente ao homem pela mulher. Nós não usamos esta forma mas transmitimo-la mais abaixo para ficar mais completo, uma vez que o seu uso é opcional. Alguns bruxos defendem que Gardner gostava de mais da flagelação ritual, e muitos dos seus detractores mantêm a ideia que ele tinha o vício psicologicamente pouco saudável de flagelar. À parte do facto de que seja pouco provável que uma pessoa tão notoriamente gentil como Gardner, tivesse algumas dessas inclinações, tudo isto é baseado num completo mal entendido. A técnica de atar suavemente e da flagelação gentil nem sequer é um simbólico "sofrer para aprender" como é nos rituais de 1º e 2º Graus; é um método deliberado e tradicional rodeado com precauções, para "ganhar visão" influenciando a circulação sanguínea. é descrito em detalhe uma passagem não-ritual do Livro das Sombras, que transcrevemos na íntegra nas pág. 58 a 60, com os nossos comentários e da Doreen Valiente.

A Preparação

Nos textos A, B ou C menciona ou descreve a fase em que a Sacerdotisa, depois do Beijo Quíntuplo, se deita no Altar ou à sua frente, onde ela tem que estar a partir de "assiste-me para erigir o Antigo Altar" (ou o seu equivalente). Mas Doreen Valiente diz-nos que a Sacerdotisa "estaria deitada ao longo do Círculo colocada assim pelo Sacerdote, com a sua cabeça para Leste e os pés para Oeste. Ela estaria deitada ou mesmo sobre o Altar ou sobre um colchão adequado em frente a ele com uma almofada por baixo da cabeça. Sacerdote ajoelharia ao lado dela, virado para Norte".

Diagrama do Beijo Quíntuplo

Assim, na preparação ou o Altar (se for grande o suficiente para a Sacerdotisa se deitar nele) deve estar livre das velas e instrumentos normais e estar adequadamente confortável ou deve estar pronto o colchão. Usar o Altar parece implicar o costume antigo de ter o Altar no centro do Círculo em vez de estar no topo Norte (a prática usual hoje em dia, especialmente num quarto pequeno, para deixar espaço para trabalhar) porque Doreen continua dizendo: "Nesta posição, a Vagina da Sacerdotisa deve de facto estar no centro do Círculo" assim, simbolizando a sua significância focal como "o ponto dentro do centro" como a Declamação se refere. Se, então, um colchão for usado, deve ser colocado ao longo do diâmetro Leste-Oeste.

Se as flagelações rituais forem incluídas deve estar à mão uma corda vermelha com 2,74 m para amarrar a Sacerdotisa com a função de a guiar.

Devem estar preparados como o usual o Cálice cheio de vinho e bolos. Da mesma forma deve estar o Athame e o Chicote da Sacerdotisa (quer a flagelação esteja ou não incluída, porque ela tem que pegar neles em duas fases na posição de Osíris).

Se a Sacerdotisa não se sentar no próprio Altar no início do Ritual, um trono adequado (uma cadeira forrada a tecido) deve ser colocada em frente ao Altar.

O Ritual

A Sacerdotisa senta-se no Altar (ou no Trono em frente a Altar) com as costas para Norte, segurando o Athame na mão direita e o Chicote na esquerda na posição de Osíris (pulsos cruzados em frente ao peito).

O Sacerdote ajoelha-se em frente a ela, beija os seus joelhos e pousa os seus antebraços ao longo das suas coxas. Inclina a cabeça de forma a encostar a testa nos seus joelhos e permanece aí por um momento⁴.

Então levanta-se e vai buscar o Cálice cheio. Ajoelha-se novamente levantando o Cálice para a Sacerdotisa.

A Sacerdotisa pousa o Chicote e segurando o cabo do Athame na palma das suas mãos, baixa a ponta dentro do vinho, dizendo:

"Assim como o Athame está para o homem, está a taça para a mulher⁽⁵⁾; e juntos, trazem a benção".

Ela então pousa o Athame, pega no Cálice, beija o Sacerdote e bebe. Ela volta a beijá-lo e dá-lhe o Cálice.

O Sacerdote bebe, levanta-se e dá o Cálice a outra mulher com um beijo. O vinho é passado de mulher para homem e de homem para mulher com um beijo, até todos terem bebido, sendo então o Cálice devolvido ao Altar.

O Sacerdote vai buscar o prato⁽⁶⁾ de bolos e ajoelha-se novamente em frente à Sacerdotisa, segurando o prato à frente dela.

A Sacerdotisa toca cada bolo com a ponta molhada do seu Athame, enquanto o Sacerdote diz:

"Ó Rainha a mais secreta abençoa este alimento para os nossos corpos concedendo saúde, riqueza, força, júbilo e paz e aquela plenitude de Vontade, e Amor sob a Vontade, que é a perpétua felicidade".⁽⁷⁾

A Sacerdotisa pega num bolo e come um pouco e então beija o Sacerdote, que também pega num bolo. Os bolos são então passados à volta com um beijo da mesma maneira que o Cálice foi passado, sendo então o prato devolvido ao Altar.

Então o Sacerdote beija novamente os dois joelhos da Sacerdotisa pousa os antebraços nas suas coxas e encosta a testa aos seus joelhos por um momento. Neste momento, o Sacerdote e a Sacerdotisa levantam-se.

(Se as chicotadas não fizerem parte do Ritual, proceder directamente para a apresentação aos Guardiães, e para a Declaração do Sacerdote, "Agora tenho de revelar um grande mistério. Se não...").

O Sacerdote diz:

"Aqui ousou proceder com este sublime Ritual, devo implorar purificação nas tuas mãos".

A Sacerdotisa vai buscar uma corda vermelha e ata o Sacerdote, atando o meio da corda à volta dos seus pulsos atrás das costas, trazendo as duas metades da corda sobre os seus ombros para as atar em frente ao seu pescoço, deixando as pontas penduradas no seu peito como trela. Ela então leva-o à volta do Círculo em sentido deosil, guiando-o pela trela.

Depois o Sacerdote ajoelha-se frente ao Altar. A Sacerdotisa vai buscar o Chicote e dá-lhe três(8) leves chicotadas. Então, pouso o Chicote no Altar.

O Sacerdote levanta-se e a Sacerdotisa desata-o. Ele então ata-o da mesma forma e leva-a a dar uma volta em sentido deosil, guiando-a pela trela. Ela ajoelha-se frente ao Altar. O Sacerdote vai buscar o Chicote e dá-lhe três chicotadas leves e recoloca o Chicote no Altar.

A Sacerdotisa levanta-se e o Sacerdote leva-a pela trela a cada um dos quadrantes à volta, dizendo:

"Ouçam, ó Poderosos do Leste (Sul, Oeste, Norte): _____, duplamente (triplamente)(9) sagrada e consagrada Sumo-Sacerdotisa e Rainha Feiticeira, esta devidamente preparada, irá agora erigir o Altar Sagrado".

Então ele desata-a e diz:

"Agora devo novamente implorar purificação"

A Sacerdotisa desata-o, guia-o à volta e dá-lhe três leves chicotadas como anteriormente. Ele fica em pé e ela desata-o colocando o Chicote e a corda no Altar

O Sacerdote diz:

"Agora devo revelar um grande Mistério"(10)

A Sacerdotisa fica de costas para o Altar na Posição de Osíris (novamente com o Chicote e o Athame nas suas mãos). O Sacerdote dá-lhe então o Beijo Quíntuplo.(11)

A Sacerdotisa pouso o Chicote e o Athame.

Agora a Sacerdotisa deita-se de costas, no Altar ou no colchão n centro do Círculo. A sua cabeça está para Leste e os pés para Oeste.

O Sacerdote ajoelha-se ao lado dela, virado para Norte. (Na seguinte Declamação, "Beijo" significa que ele a beija mesmo acima do pêlo púbico, excepto nas duas alturas em que é descrito de outra forma nomeadamente, os beijos nos seios e os beijos do Sigilo do 3º Grau).

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "a biblia das bruxas.rtf"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).